

BRUNO MARTINS SOARES

A BATALHA DA ESCURIDÃO

— AS CRÓNICAS DE BYLLARD IDDO —

VOLUME 2

MISSÃO NO ESCURO

(Sample)

INCLUI A AVENTURA
PARA JOGO NARRATIVO

"DESFILE PARA A MORTE"

— de Sérgio Mascarenhas —



Editorial Divergência

GRANDE
PRÊMIO ADAMASTOR
DE
LITERATURA FANTÁSTICA
PORTUGUESA
2019

A aguardada e tensa continuação d’*Os Silenciosos*,
onde continuamos a acompanhar as missões militares
de Iddo por este “Mar da Escuridão”.
Uma leitura ideal para leitores que adoram livros de acção,
aventuras no espaço e “cliffhangers”.

— **Mafalda Fernandes** —
@aoutramafalda

Senti-me dentro de Arrabat, numa batalha cheia de
estratégia e tática. Que surpresas se seguirão?

— **Cristina Gaspar** —
Books&beers



A BATALHA DA ESCURIDÃO

— AS CRÓNICAS DE BYLLARD IDDO —

VOLUME II
MISSÃO NO ESCURO

(Sample)

BRUNO MARTINS SOARES

Traduzido do Inglês e adaptado pelo autor



Editorial Divergência

Novembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: A Batalha da Escuridão — As Crónicas de Byllard Iddo

Subtítulo: Missão no Escuro

Autor: Bruno Martins Soares

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Rui Bastos

Revisão: Cris Vieira e Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Composição: João Rodrigo Carvalho

Ilustração das personagens: João Rodrigo Carvalho

Elementos Gráficos: Leonor Hungria

Autor do Jogo Narrativo: Sérgio Mascarenhas

ISBN: 978-989-9306-76-9

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e Agency FB

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 Bruno Martins Soares

©2025 João Rodrigo Carvalho

©2025 Leonor Hungria

©2025 Sérgio Mascarenhas

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

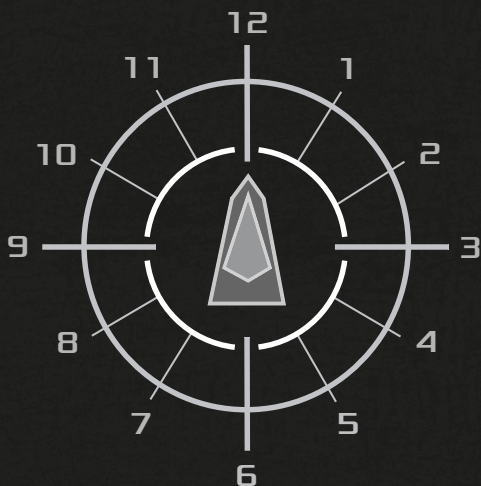
Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



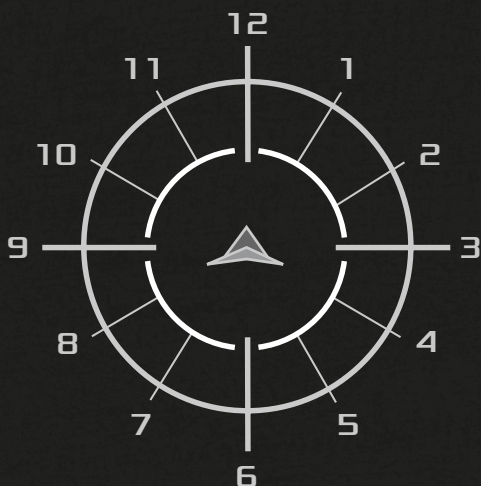
Para o Tiago, meu sobrinho (a.k.a. Shorty; a.k.a. Baixinho)

**UMA NAVE SOZINHA...
NO ESCURO...
COM GARRA.**

CÓDIGO DE CONTACTO



Primeiro Número: Direcção
de onde vem o contacto
(Nave vista de cima)



Segundo Número: Altitude
relativa em que o contacto
é detectado.
(Nave vista de trás)

Exemplo: 11 e 11 = Nave vem da frente - esquerda - cima

INTERLÚDIO D

SACO

Ano 1825

9º Mês — 15º Dia

As naves de escravos não têm porões cheios de pessoas. Não têm jaulas. Porque nenhuma nação *civilizada* no sistema inteiro alguma vez aceitaria o seu negócio. Não abertamente, não legalmente. Nenhuma nação civilizada, pelo menos. E a maioria dos marinheiros do Espaço não só desprezam os escravagistas como os odeiam visceralmente. Uma nave que encontre uma nave de escravos no Espaço provavelmente não vai reportar o encontro. Mas provavelmente também não deixará um único tripulante vivo. E uma nave militar fará ainda pior, chegando às vezes a torturar os escravagistas e a abandoná-los na prisão ou nos trabalhos forçados para o resto das suas vidas.

É por isso que os negociantes de escravos não são apenas implacáveis mas também engenhosos. Adaptaram as suas naves para carregar pessoas no exterior. Em sacos transparentes cheios de gel bio-pressurizados, de modo que as pessoas não congelem ou descomprimam ou morram de um embolismo ou outra coisa qualquer. Alguns destes sacos baratos às vezes rompem-se ou libertam-se e alguns dos escravos enlouquecem ao serem transportados desta maneira, com pouca protecção do vácuo. Mas é um pequeno preço a pagar pela segurança. Porque se as naves de escravos estiverem prestes a ser capturadas, podem simplesmente fazer uma coisa: largar a carga toda no vazio do Espaço e fingir que

são mineiros ou sucateiros. Com menos um lote de escravos mas com vida nos corpos.

Apanharam-nos. Apanharam-nos a todos. Mirany nunca esqueceria para o resto da sua vida os gritos de puro desespero daquelas crianças quando foram levadas. E ela lutou, e gritou gritos de encorajamento e chorou e sangrou quando lhe bateram com força para que ela obedecesse, para que ela ficasse quieta, para que parasse de se mexer e resistir. Ela nunca esqueceria... Para o resto da sua vida...

— Não a magoem — disse alguém. E outro alguém atirou-lhe com um gás qualquer para a cara. E ela começou a sentir o efeito quase imediatamente. O efeito no seu corpo todo. Sentiu-se a ficar dormente, a energia a abandoná-la. Mesmo apesar de há um momento tudo nela fosse gritos e luta e empurrar e puxar e agarrar e afastar. Tentou manter-se calma, tranquilizar as crianças, prepará-las e acalmá-las. Mas falhou. Quando viu a brutalidade, a ganância nos olhos deles, a porcaria, o modo como empurravam as crianças e as agarravam pelos cabelos. Quando viu uma mão porca a mover-se sobre as partes privadas de Hedi. Quando finalmente percebeu o que se iria passar. Quando percebeu que nunca mais as iria ver, que a maioria deles não sobreviveria e que aqueles que sobrevivessem, bem... Quebrou. Começou a chorar e a gritar e a lutar. Em desespero.

— Ainda estamos longe de Fumu — disse alguém antes de ela cair na inconsciência. — Vamos lá ter a certeza de que ela está bem o suficiente para aguentar o saco o caminho todo, meus cabrões. Não me façam perder dinheiro.

Mira acordou num saco. Molhado e quente numa bolsa cor-de-laranja transparente cheia de gel quase líquido. Completamente nua. Em muitos sentidos. Completamente nua, vulnerável, com nada entre ela e o vazio do Espaço senão uma fina camada de material transparente. E não estava só. Estava ali entre dúzias, talvez centenas de outros, nus nos seus próprios sacos laranja cheios de gel. Ficou chocada com o horror.

Havia algo à volta do seu pescoço. Depois de um bocado, percebeu que era uma membrana de plástico, que barrava o gel laranja de se expandir em gravidade zero até à sua cara, matando-a.

Olhou em volta, tentando descortinar as crianças alhures. Mas não conseguia ver muito. Consequia ver os pés nus da mulher no saco por cima dela. De um lado tinha um grande homem castanho, todo musculado, com olhos vazios, completamente nu. Do outro tinha um rapaz adolescente, magro e louro, a olhar para ela com atenção. Ela podia ver o movimento e rapidamente percebeu que ele estava a masturbar-se. Ela não queria saber, na verdade, e ignorou-o. Sentia-se entalada, presa, sem esperança, queria saber onde estavam as crianças. Começou a bater com os calcanhares contra o casco. Desesperada. Revoltada. Sem esperança.

Vários dias passaram. Gastou muitas horas a olhar para as estrelas. A perder a cabeça. A deixar escorrer a mente.

Três vezes por dia, um tubinho de plástico era empurrado para perto da boca dela. Tinha cinco minutos para beber um líquido de proteínas vermelho. Depois tiravam o tubinho. Uma vez ela tentou mordê-lo com os dentes, mas eles estavam prontos para isso — era uma ideia tentada e falhada — pois inseriram um líquido amargo e nauseabundo no tubo e ela cuspiu imediatamente. Passou as próximas horas a cuspir e a tentar livrar-se do paladar.

O rapaz magro e louro masturbava-se constantemente. A maioria das vezes a olhar para ela. Ela não se importava. Pobre rapaz...

Talvez ela nunca mais visse as crianças. Talvez já estivessem mortas. Talvez ela perdesse a sanidade.

Um dia, o homem castanho musculado começou a puxar a membrana de plástico à volta do pescoço. Demorou horas e precisou de toda a força. Mas finalmente, conseguiu rompê-la. O gel laranja invadiu o compartimento superior e ele morreu. Afogou-se. Nada que ela pudesse fazer. Ele fê-lo de propósito, de certeza.

Quando perceberam que ele estava morto, libertaram o saco para o vácuo.

No dia seguinte, ela tentou o mesmo. Mas não era suficientemente forte e não conseguiu romper a membrana.

Conseguia ver mais longe, agora que o saco do homem musculado já lá não estava. Havia uma mulher mais à frente. Tinha feridas na boca. Via-a a morder os lábios e a língua de quando em quando. Só para provar o sangue.

EPISÓDIO 5

A ARRABAT

Ano 1826

3º Mês — 5º Dia

Arrabat era o deus antigo do vento, das velas e dos marinheiros, e das mensagens e dos mensageiros. Era tão rápido que era invisível. Dizia-se que era capaz de voar mais rápido que a visão. Era casado com Furuseh, a deusa das ondas, mas apaixonou-se por Markura, a deusa das árvores. Esse triângulo amoroso eventualmente levou à catástrofe, não me lembro como.

A chalupa de guerra adaptada estava estacionada num porto espacial na lua Brury. Era um porto secreto, por isso um *kart* deixou-me na estação de comboios de Furina onde um comboio de transporte especial nos levou até às margens do porto A431 perto de Jegouzy. Daí, um vaivém veio buscar-nos e levou-nos para o porto C-01, onde entraríamos a bordo da *Arrabat*.

Quando digo ‘nos’, estou a referir-me à tripulação. Os primeiros que vi, conheci em Furina. Alguns estavam a dizer adeus às famílias ou às amigas que tinham conseguido estar perto. Mas a maioria deles tinha feito as suas despedidas na superfície de Webbur. E alguns, como eu, não tinham realmente ninguém de quem se despedir.

Comecei a reparar nas caras quando subi a bordo do comboio. Jovens e empenhadas. Alguns sorrisos, algum riso,

mas sem grande espalhafato. Ótimo. Ia ser uma nave fina. A maioria cumprimentou-me levando dois dedos às têmporas. Eu acenei de volta com a cabeça, as minhas mãos ocupadas a carregar a minha bagagem recém-adquirida. Sentei-me na parte de trás da carruagem e descansei a cabeça. Sabia que estava adiantado, por isso esperei que o comboio estivesse pronto.

Uns minutos depois, um jovem de pele escura e olhos castanhos aproximou-se.

— Senhor comandante?

Levantei os olhos. Imagino que a maioria deles já soubesse que eu era o Capitão, ainda que o uniforme básico de mercador não o mostrasse. O jovem sorriu-me e estendeu a mão. Tomei-a.

— O meu nome é Ned Ojoe, senhor comandante. Sou o seu Primeiro Oficial.

Endireitei-me.

— Ojoe. Sim. Sente-se.

Ele pôs o equipamento no compartimento da bagagem e sentou-se. Pareceu-me nessa altura que a sua cara me era familiar. Era suposto terem-me dado os ficheiros de toda a gente na tripulação, mas não tinham tido tempo para o fazer na altura certa e os ficheiros confidenciais não podiam estar perto da nave sequer, por isso tudo o que eu tinha era o nome de alguns oficiais.

— Já nos conhecemos, Ojoe? — perguntei.

— Sim, senhor. Eu era o P.O. do Sr. Sachett, senhor.

Demorei mais dois segundos a lembrar-me.

— Sachett? Ah, a *Loghi*! C4! Sobreviveu? Muito bem!

Ele sorriu.

— Na verdade, ironicamente, como nos fechou fomos capazes de resistir melhor quando a nave explodiu, senhor comandante. O Casco 4 teve a menor percentagem de baixas, no final.

Por um momento senti-me muito contente. Tinha-me sempre sentido culpado por ter fechado aquele Casco com um incêndio perigoso a bordo.

— Fico feliz por saber, tenente! O Capitão safou-se?

— Sim, senhor. Queimaduras em todo o corpo, mas reconstruíram-no e promoveram-no. Agora é Capitão-de-Casco na *Viker*, segundo me parece.

— Fico muito contente por sabê-lo. Ele era madeira cinzenta.

‘Madeira cinzenta’ era o material usado antigamente para fazer os mastros dos navios. Significava ‘matéria-prima da Marinha’. Um verdadeiro marinheiro.

— Sim, senhor. Era mesmo — concordou Ojoe. — Salvou a maior parte de nós, naquele dia.

— Fico contente por saber...

Olhei para longe, recordando-me. Estava contente. Triste, mas contente. A *Loghi* tinha tido 90% de baixas, e esta era a primeira vez que eu estava a ouvir falar dos sobreviventes. Só tinha pensado nos mortos, até agora, mas devia haver cerca de 200 sobreviventes, algures. Fiquei contente que Sachett fosse um deles. Mas Ojoe estar aqui...?

O comboio começou a andar, finalmente. A viagem deveria demorar cerca de 35 minutos. Olhei para o oficial junto a mim. Ele parecia calmo e seguro. Mas como podia?

— Sr. Ojoe... — comecei. — Aquela coisa, lá atrás. A *Loghi*... Foi um dia difícil.

— Sim, pois foi, senhor.

— Tem a certeza de que quer vir nesta missão comigo?

Eu sabia que todos os tripulantes eram voluntários, e não conseguia perceber como é que Ojoe queria vir, a não ser que não soubesse com antecedência que era eu quem estava no comando. Mas ele pareceu estranhar a minha questão.

— O que quer dizer, senhor?

— Bem, tenente, eu fui o Capitão da *Loghi* apenas uns dias antes de ela ser destruída. E na realidade fui eu quem

tomou a decisão de a sacrificar. Eu destruí-a. Se fosse a si, não queria servir sob um Capitão como eu outra vez, pois não?

Ele pareceu ainda mais confuso.

— Senhor comandante — disse ele. — Eu ofereci-me como voluntário para esta missão *porque* queria servir sob o senhor.

Agora era eu quem estava confuso. Ele continuou.

— A decisão... As suas decisões foram as correctas, senhor comandante. Todos o sabíamos. 'Afundámos' dois tubarões e salvámos milhares de refugiados. Fizemos o nosso dever. Eu queria servir sob as suas ordens, senhor comandante. Você também é madeira cinzenta. Sinto-me honrado por estar aqui.

Olhando para trás, este foi o comentário mais importante e eficaz que recebi sobre o incidente da *Loghi*. Depois disso, sempre me senti mais à vontade com o que tinha acontecido. Mas isto era a Marinha, e também me senti vulnerável e desconfortável em frente a um subordinado, por isso procurei rapidamente uma saída da situação.

— Obrigado, Sr. Ojoe. Só queria ter a certeza. Devia dar-lhe uma reprimenda por tentar seduzir o seu Capitão desta maneira. Oficialmente, não há beija-pés na minha nave. No entanto, eu sou o tipo de Capitão que aprecia a sua execução de uma boa operação de beijar-os-pés, por isso vou apenas ordenar-lhe que tome uma bebida comigo quando estivermos a bordo.

Ojoe sorriu.

— Sim, senhor, senhor comandante. Peço desculpa, senhor.

— Não faz mal, tenente. Que não volte a acontecer.

E foi assim que Ned Ojoe e eu nos tornámos amigos.

Chegámos ao C-01 e havia um oficial à minha espera à porta.

— Pode seguir-me, por favor, Capitão?

Olhei para Ojoe, que ainda estava comigo.

— Apresente-se ao mestre, Sr. Ojoe. Vemo-nos mais tarde.

— Sim, senhor.

O oficial subalterno da base levou-me pelo misterioso edifício cinzento-escuro até a uma suite algures num canto. Parecia uma suite para acomodar uma família, com sofás, uma mesa e cadeiras, um televisor, até algumas revistas na mesa de café. O oficial abriu-me as portas fechadas em cada lado.

— Por favor, esteja à vontade, senhor comandante. Tem aqui a casa de banho onde pode tomar um duche, se quiser, e ali tem um quarto onde pode descansar um pouco. Não se preocupe, virei buscá-lo e acordá-lo a tempo.

Assenti com a cabeça.

— Obrigado. Só preciso de cinco minutos de antecedência.

— Sim, senhor.

Fez-me continência e eu dispensei-o.

Fui até à casa de banho e barbeei-me com a minha nova máquina de gravidade-0 *Zumma*, que chupava o mais pequeno pêlo cortado. Só estive ali por uns minutos, mas quando voltei para a sala Kary Erbay estava deitado no sofá a ler um livro.

— Porra, Erbay! — Saltei. Como diabo tinha o tipo entrado sem fazer barulho? — Assustaste-me.

Ele olhou para mim por um segundo e voltou à leitura. Arrumei a máquina de barbear.

— Lês?

— Ocasionalmente.

— O que é isso?

— Um romance.

— Bom?

— Bah...

Peguei no meu equipamento de dados e sentei-me do outro lado da sala. Voltei a ler as especificações da nave. Eram especificações enganosas, claro, as verdadeiras não estariam perto da nave. Ainda assim, eu tinha de as saber de cor.

— Sabes a minha identidade, não sabes? — disse Erbay a certa altura, mantendo os olhos no livro.

— Não, não sei.

— Capitão-de-Casco. C5.

Levantei a sobrancelha. A chalupa tinha apenas seis pequenos cascos, mas qualquer casco na Marinha era uma responsabilidade importante.

— Vais gerir um casco? — perguntei.

— Não, na verdade não. Vou ter um tenente para fazer isso. Mas é a minha identidade falsa. A minha lenda. Devias ler os *briefings* com mais cuidado.

— Que *briefings*, caralho? Não me deram *briefings* nenhuns para ler, meu cabrão.

Erbay fez um meio-sorriso. Estava a divertir-se. Eu sorri, finalmente.

— Vai-te foder.

Vieram chamar-nos 40 minutos depois. Levaram-nos para uma sala de reuniões onde conhecemos os outros oficiais.

— Sentido! — anunciou o oficial subalterno quando entrámos na sala. Os oficiais levantaram-se imediatamente. Eram cinco comandantes da equipa-C, mais seis Capitães-de-Casco, mais o Mestre-da-Torre. Havia também dois oficiais que eu não consegui perceber imediatamente quem eram porque não estavam em uniforme. Mas eram fuzileiros, quase de certeza. Tinham aqueles fatos-macaco cinzentos que eles usam, sem insígnias, mas inegáveis. E havia um terceiro oficial que eu conhecia bem. Erbay foi imediatamente ter com eles, enquanto eu cumprimentava os outros. Ojoe estava ali, claro. E, surpreendentemente, também estavam outras caras familiares.

— Sr. Dalto — cumprimentei o Comandante dos Sinais. — Como vai por estes dias?

— Bem, senhor comandante. — Tínhamo-nos conhecido na *Magnar* onde ele tinha servido na minha Equipa-S. — É bom revê-lo, senhor.

— Você também, tenente. — Virei-me para outra face familiar, o Mestre-da-Torre. — Patt! Patt Tamburo! Safou-se, homem! Como diabo é que se safou?

Ele tinha estado na torre da *Loghi* comigo, que tinha sido uma das primeiras partes da nave a serem esmagadas, se bem me lembrava.

— Podia perguntar-lhe a mesma coisa, senhor comandante! — disse ele, apertando-me a mão. — Não pensei que se tivesse safado, ‘té recentemente.

— O couro duro dura mais tempo, não é?

— Nã’ posso desmentir, senhor.

— Viu a nova tripulação?

— Alguns, senhor. Vi-os no caminho.

— O que é que achou?

— Boa matéria-prima, parece-me, senhor comandante. Teremos de os pôr em forma.

— É o que faremos, Sr. Tamburo. É o que faremos.

Os outros oficiais pareceram boa gente. Jovens. Mas eu estava confiante que o Almirante os tinha escolhido bem. Finalmente, fui conhecer os Fuzileiros. Olhei primeiro para o mais jovem. Puxei-o para mim e abracei-o.

— Hekk Caller, meu filho da mãe. Como estás?

Hekk era um bom amigo meu. Tínhamos servido juntos na *Magnar* e partilhado a mesma cabina. Estava muito contente por o ver ali.

— Estou bem, Byl — sorriu-me ele, um pouco embaraçado, talvez um pouco perturbado pelas minhas cicatrizes. — Estou feliz de te ver. Estes são os meus superiores.

Olhei para os outros fuzileiros. Erbay apresentou-mos.

— Estes são os meus homens, Capitão. — Fiquei surpreso por ele me tratar por Capitão. — Este é o Major Ikker Wilard, do 1º Regimento de S.R.E. do Corpo de Fuzileiros.

Olhei para ele de alto a baixo e apertei-lhe a mão com a minha sobranceira levantada. Era um homem alto, ombros largos, cabelo preto e um sorriso fácil. Devia ter 35 ou 36. Tinha um aperto de mão firme.

— S.R.E.? — perguntei. — Estou contente por o ter a bordo, Major. Quantos de vós é que temos?

O Serviço de Reacção Especial, ou S.R.E., era uma divisão de três regimentos especializados em tirar outras forças de uma situação difícil. Eram um grupo de elite, conhecidos por atacarem rapidamente e em força e serem mestres na retirada, que é a tarefa mais difícil de um soldado. Como costumavam dizer: «entravam, tapavam os olhos do cú do inimigo e tiravam os amigos da merda.»

O Major sorriu suavemente e respondeu:

— Somos 300, Capitão. Estamos contentes por estar aqui.

— 300? — sorri também. — Isso é muito bom. Então está aqui para nos safar de sarilhos. Quem é que nos vai meter em sarilhos? Quem é que vai entrar a matar quando abordarmos?

— Serei eu, senhor.

Olhei para o homem atrás de Wilard. Tinha uma compleição média, cabelo ruivo, pele bronzeada e olhos duros.

— Este é o Capitão Xavier, comandante — disse Erbay.

— Xavier? — Apertei-lhe a mão tentando adivinhar o que ele era. — Também está no Corpo?

— Não, senhor. Eu sou da Marinha. Uma unidade especial. Somos os que fazemos a abordagem.

Ele era da Marinha e tinha o posto de Capitão? Que raio de unidade especial era aquela?

— Uma unidade especial? Que tipo de unidade especial?

— Byl... — Erbay chamou-me a atenção. Ele queria calar-me e que deixasse o capitão em paz, por isso foi o que fiz.

— Bem-vindos a bordo, cavalheiros. — Fiz-lhes um aceno de cabeça, dei uma palmada simpática no braço de Hekk e voltei-me para encarar o resto da sala. Nesse exacto momento, o oficial subalterno da base murmurou-me ao ouvido:

— A tripulação está toda reunida no auditório, senhor comandante. Quando estiver pronto.

Olhei para ele, um pouco surpreso e assenti. Quando olhei para os oficiais lembrei-me do que o meu pai costumava dizer no dojo e por isso parafraseei-o.

— Cavalheiros. Temos uma tarefa difícil à nossa frente e espero de vós apenas duas coisas: que façam as coisas certas e que as façam bem. Espero que sejam os melhores da Marinha. Sejam rápidos quando puderem ser rápidos. Sejam lentos quando precisarem de ser lentos. Mantenham o foco. Mantenham a lucidez. Confiem uns nos outros. As nossas próprias vidas dependem disso. Fui claro?

Todos disseram: ‘Sim, senhor!’ quase imediatamente, mas eu podia ver que por alguma razão tinham ficado surpreendidos com as minhas palavras. Até Erbay tinha as sobrancelhas levantadas. Mas havia uma sombra de um sorriso nos seus lábios e assumi que tinha gostado do meu pequeno discurso. Ignorei-o e conclui:

— Os homens estão à nossa espera. Vamos ter com eles.

Seguimos o oficial subalterno pelos corredores da base. Foi uma curta caminhada até ao auditório. Ali, os 1500 marinheiros e fuzileiros sob o nosso comando estavam sentados à nossa espera. O oficial subalterno gritou “Sentido!” e todos se levantaram de um salto para sentido. Dirigi-me directamente ao púlpito e testei o microfone com um bater dos dedos, enquanto os oficiais se colocavam nas suas posições atrás de mim. E então, comecei:

— À vontade, meus senhores e minhas senhoras.

Sentaram-se todos.

— Não tenho a certeza se foram todos informados sobre a nossa missão, ou sequer se algum de vós foi informado. Dentro de momentos subiremos a bordo da chalupa de guerra da União *Arrabat*. Será a nossa casa no futuro próximo. Irá levar-nos numa missão secreta sobre a qual não falarei agora. Bastará dizer que pode mudar o rumo da guerra em nosso favor. Iremos navegar através do Mar da Escuridão infestado de Silenciosos, e de território pirata, sob um estrito silêncio sepulcral. Iremos assumir a identidade de contrabandistas e corsários. Praticamente qualquer nave que se achesse no nosso caminho irá provavelmente disparar contra nós.

Mas somos todos voluntários e sabíamos que isto podia ser perigoso, por isso espero que todos vocês façam o vosso dever no limite das vossas capacidades.

Fiz uma pausa. A sala estava quieta. Todos olhavam para mim. Sorri um pouco.

— Somos marinhas de Webbur e somos os melhores do Universo conhecido.

Agora houve um murmúrio de aprovação a ondular pela audiência. Continuei.

— Se mantivermos o navio fino, estou certo de que seremos bem-sucedidos.

O murmúrio continuou. Ainda positivo. “Bem dito” disse alguém. Sabia que tinha dito o suficiente. Queria acabar com uma frase especial, mas subitamente vi-me sem nada para dizer, por isso acabei abruptamente:

— E é isso. Façam o que têm de fazer e subam a bordo. O Sr. Ojoe e o Sr. Tamburo irão anunciar o embarque em breve, por isso estejam prontos. Boa sorte a todos. Dispensados.

Patt não perdeu pitada. Antes que o oficial subalterno da base pudesse dizer o que quer que fosse ele saltou para sentido e gritou:

— SENTIDO!!

Todos os homens e mulheres se levantaram para sentido e fizeram continência. Eu devolvi a continência e saí da sala, seguido pelos meus oficiais. Passei por Erbay no corredor.

— Nasceste para isto — murmurou-me ele, talvez com ironia.

— Vai-te foder — sorri eu.

Umhas horas depois, um *kart* levou-nos, à Equipa-C, através dos longos corredores, quase auto-estradas, no complexo subterrâneo da base secreta. Finalmente, um elevador levou-nos à plataforma de lançamento. Quando

caminhei pela passagem de vidro até à nave, consegui o primeiro vislumbre da *Arrabat*. Estava a flutuar com a ajuda de balões anti-gravidade, presa à plataforma e ansiosa para ligar os motores.

Era uma chalupa de guerra de 18 baterias. Uma nave pequena com seis pequenos cascos e uma das naves mais rápidas da Marinha Espacial. Também se arrogava de um poder de fogo considerável, como veríamos em breve. Era linda. Estava pintada de negro, como devia estar um contrabandista, e a sua forma era ligeiramente diferente de qualquer coisa que já tivéssemos visto. Um pouco como um peixe. Um peixe com cornos e com ar assustador, com blindagem militar e asas.

— Bonitinha, não é? — disse Ojoe, logo atrás de mim.

— Sem dúvida — respondeu Steen, o Comandante-N.

Tamburo estava à nossa espera na porta principal. Saudou-nos e devolvemos-lhe a continência.

— Bem-vindo a bordo, Capitão.

— Viva, Patt. Como está tudo?

— Está tudo a ir bem, senhor comandante. Tudo a horas, tanto quanto sei. Este é o Sr. Bertin — indicou um jovem tenente, com cabelo escuro e olhos brilhantes, que estava ansiosamente à espera junto a ele. — Será o seu ordenança, senhor.

— Certo. — Levei um dedo à minha testa e avancei a minha mão. — Prazer em conhecê-lo, Sr. Bertin.

Ele sorriu ainda mais e apertou-me a mão.

Em breve, cada um dos oficiais tinha sido guiado para os seus aposentos. Os aposentos do Capitão eram mais pequenos do que os que eu tinha tido na *Loghi*, mas ali eu tinha apenas substituído outros oficiais e estava consciente de que era temporário. Esta, por contraste, era a minha cabina. O meu equipamento era o primeiro equipamento a habitá-la. O escritório era o meu escritório.

— Precisa de alguma coisa, senhor comandante? — disse Bertin, mesmo atrás de mim.

Sorri-lhe.

- Gostava de ver a ponte de comando, Sr. Bertin.
- Sim, senhor.

A ponte da *Arrabat* era uma coisa bonita. Era muito similar à que eu tinha tido na *Loghi*. Tinha um posto para cada um dos Comandantes-C e pouco mais. Ainda estava deserta, excepto por um par de tripulantes a fazerem limpezas e afinações de última hora. Tinha um sensor mímico de ponta a toda a volta e um olhar casual mostrou-me que cada ecrã era do melhor que havia. O sensor mímico mostrava várias máquinas e homens ainda a acabarem o seu trabalho em volta do casco exterior. Ainda que estivessem várias naves nas docas do C-01, a *Arrabat* era claramente o centro das atenções neste momento, pois os balões de suspensão denunciavam que estava prestes a partir.

- Sr. Bertin — chamei.
- Senhor comandante?
- Por favor, diga ao Sr. Ojoe, ao Sr. Tamburo e ao Sr. Sandro que venham ao meu gabinete às dez.
- Sim, senhor.

Jon Sandro era um pequeno homem, jovem, com a cara redonda, com olhos escuros e redondos, e óculos redondos. Era o Q., Comandante-L. Embora fosse tímido, era muito inteligente e basicamente comandava sozinho toda a actividade no Dia-L. Sentava-se quieto junto a Ojoe e Tamburo do outro lado da minha secretária.

- Cavalheiros — perguntei, olhando para Sandro. — Como estamos?
- A horas, senhor comandante — respondeu ele com a sua pequena voz.

— De quanto tempo é que precisa? Sem tretas.

— Três horas, senhor. Quatro no máximo.

Olhei para o relógio.

— Muito bem. São 1442, façamos o lançamento às 1900 horas. Vamos fazê-lo como deve ser, está bem? Estamos com pressa, mas não queremos estar a poupar uma hora para perdermos dois dias lá fora porque nos esquecemos de alguma coisa, pois não?

— Nada será esquecido, senhor comandante — disse Sandro, muito calmo.

— Claro que não. Estou só a dar-lhe todo o tempo de que precisa para que tenha a certeza. Se precisa de mais alguma coisa, por favor, diga-me. Lançamos às 1900. Sr. Ojoe, resolva isso com a autoridade do porto, se não se importa.

— Sim, senhor.

— Obrigado, meus senhores.

O lançamento ocorreu sem incidentes. Os balões de lançamento levaram a nave para 0,00012 medidas de altitude antes dos motores da chalupa serem ligados, e lá fomos nós. Lançámos sob o pretexto de sermos comerciantes com provisões para os comboios que estivessem a caminho, exaustos pela viagem de dez semanas desde Torrance e tendo atravessado a Mirox. Na realidade, íamos seguir a Mirox no sentido dos ponteiros do relógio antes de atravessarmos para o lado de lá para continuarmos a segui-la até aos territórios piratas. Para já, era para lá que o sinal da Enfermeira Eiste nos indicava que fôssemos.

Testemunhei a passagem por cada uma das luas da ponte de comando antes de declarar silêncio de rádio e ir jantar com alguns dos oficiais. Era tarde na noite e os espíritos estavam altos. Bebemos um pouco. Deixei-os beber porque estávamos deste lado da Mirox e eu queria-os atentos e em forma depois

de passarmos para o lado de lá. Estes eram provavelmente os últimos dias para festas que teriam em todas as suas curtas vidas.

— Aproveitem neste lado da Mirox, meus senhores — disse-lhes. — Nada para beber no lado de lá.

Por isso bebemos e cantámos. Erbay também lá estava, quieto a um canto, bebericando de um copo.

Tinha a sensação de que tinha sido um pouco duro com Sandro antes do lançamento, por isso pedi-lhe para me mostrar a nave, no dia seguinte. A maior parte da nave tinha sido organizada pela sua mão, por isso ele conhecia-a bem.

Começou por me mostrar os dois primeiros cascos: C1 e C2. Cada casco tinha três baterias de 10 tubos de mísseis de Alto-Calibre-Alto-Explosivo e Sandro mostrou-mas, para além das filas justas de mísseis arrumados junto a cada bateria. Mas o que ele me mostrou que era verdadeiramente interessante foram os melhoramentos que a *Arrabat* tinha recebido, tornando-a bem diferente de outras chalupas. Em cada um dos dois cascos da proa, ele levou-me para dentro de um imenso tubo, grande o suficiente para um homem andar quase sem curvar a cabeça. Eram tubos de torpedos, instalados especialmente para caçar a grande baleia que nos esperava. Ambos os cascos de proa tinham um tubo de torpedos, e havia ainda outro no Casco 6, a proteger a retaguarda.

— Quantos torpedos é que temos para estes tubos, tenente? — perguntei.

— Doze à frente. Outros seis lá atrás. Somos uma nave pequena, senhor comandante.

— Serve, tenente. Serve. — Imaginei que não teríamos oportunidade para usar metade deles, de qualquer forma.

Mostrou-me a seguir as sondas. A chalupa era demasiado pequena e demasiado rápida para ter 12 níveis activos de sondas, por isso tinha só seis, bem separados, contando com a velocidade para estarmos sempre bem cientes do Espaço em volta, e sair de sarilhos se fosse preciso. Ainda assim, tínhamos

armazenado um número considerável de aparelhos. Sandro mostrou-me as prateleiras massivas de sondas do tamanho de bolas de futebol, arrumadas em caixotes de 24 unidades.

— Temos cerca de 10.000 unidades, senhor comandante. Suficientes para três meses.

— Hmm — assenti com a cabeça aprovadamente.

Continuámos a ir de casco em casco. Uma grande parte do espaço estava a ser ocupado pelos fuzileiros do S.R.E. e o seu equipamento. Mas também tínhamos outra carga: 2.000 toneladas de rações de combate do Corpo de Fuzileiros que iríamos tentar vender aos piratas. Ao todo, achei que os cascos estavam extremamente bem equipados, provisionados e organizados, com tripulações muito profissionais.

Quando chegámos ao Casco 5, no entanto, um comando grande e atlético estava a guardar a entrada e impediu-nos de entrar. Levantei a sobancelha.

— Deixe-nos passar, marinauta — ordenei.

Ele não mexeu um músculo.

— Lamento, senhor, mas não estou autorizado a fazer isso.

— Autorizado?

— Ninguém pode entrar, senhor. São essas as minhas ordens.

Sandro, ao meu lado, abriu muito os olhos e mexeu nos óculos, desconfortável. Eu mantive o olhar nos olhos do guarda. Estava a ficar irritado.

— Marinauta — disse eu, gentilmente. — Percebo a sua confusão, pois estes uniformes não têm insígnias nem nada, e talvez você não seja bom com caras ou vozes e não se lembre de mim do *briefing* e ninguém lhe disse o meu nome, mas eu sou o Capitão desta nave e por isso estou autorizado a ir onde quiser e quem dá ordens aqui sou eu.

O guarda manteve a calma e pensou por um segundo, e depois respondeu:

— Talvez seja melhor eu chamar o Comandante Erbay.

Eu sabia...

— Talvez seja.

Foram precisos apenas dois minutos para Erbay aparecer, e eu estava a ficar cada vez mais irritado com a situação.

— Olá, Capitão — cumprimentou ele. — Sr. Sandro...

Chamei-o à parte com um gesto do meu dedo e demos alguns passos para ganhar privacidade. Olhei-o nos olhos.

— Kary, és o capitão do C5, certo?

— Ouve, Byl...

Não o deixei falar.

— Podes fechar o teu casco, se quiseres, mas deixa-me dizer-te o que eu farei nesse caso: vou cortar-vos o fornecimento de oxigénio, de água e de potência. Podem aguentar um par de meses assim, mas não vai ser agradável. E vou banir o acesso dos teus homens ao resto da nave. E podes ir pró caralho, está bem? Caso contrário, eu posso ir onde quiser nesta nave sem autorização. Está bem?

Ele suspirou.

— Byl, eu estou acima de ti na hierarquia. Sou o O.C. da missão.

Sorri-lhe.

— Sim? Vamos ver o que diz disso o resto da tripulação, está bem? E podes dizer adeus à identidade falsa. E, já agora, como estamos em silêncio de rádio no futuro próximo e sem contacto com a cadeia de comando, podes ir pró caralho outra vez. Que te parece?

Ele abanou a cabeça.

— Byl, descontrai, está bem? Isto é estúpido. Preciso do C5 fechado. Tenho aqui os comandos de Xavier e o que eles fazem é confidencial. Completamente reservado. Desculpa lá não te ter dito antes. Não tenho problemas em mostrar-te, mas agora não, está bem?

Suspirei. Ele tinha razão. Esta discussão era estúpida. Olhei para o relógio.

— Volto daqui a duas horas, então. Serve?

Ele assentiu.

— Serve. Mas vem sozinho, está bem? Vou dar instruções para que possas entrar quando quiseres. Afinal, és o Capitão desta nave, não és? Ou pelo menos, mestre e comandante...

— Vai-te foder.

— E pára de ser tão pavão, caraças.

— Vai-te... foder...

Voltei ao fim de duas horas e deixaram-me logo entrar, como prometido. Erbay estava à minha espera. Introduziu-me no gabinete dele e eu sentei-me.

— Então diz-me lá: quem são estes gajos?

Ele sentou-se à secretária e olhou para mim.

— Chamamo-los de 'Bobs'.

Quase ri.

— Os Bobs? São o quê? Uma série de televisão?

— Chamamos-lhes assim por várias razões, mas a principal é a designação da unidade: Batalhão de Operações Breves.

— B.O.B.

— Essa é uma razão. Julgo que vais descobrir outra muito em breve.

— Mas quem é que eles são? O que diabo é o Batalhão de Operações Breves?

— Já ouviste falar das equipas-aranha?

Saltei por dentro e endireitei-me na cadeira.

— É suposto serem um mito.

Ele abanou a cabeça.

— Não são um mito.

Se estivéssemos tempo suficiente na Marinha havíamos de ouvir rumores sobre as equipas-aranha, unidades ultra-secretas da Marinha que faziam os trabalhos sujos. Era suposto serem compostas pelos melhores comandos de todas

as Forças Especiais. Eram extremamente bem treinados, quase sobre-humanos. Ou pelo menos eram esses os rumores.

— Temos equipas-aranha a bordo? — perguntei finalmente.

— Quatro.

Fiz uma careta.

— Quantas pessoas?

— 36.

Levantei a sobrancelha.

— 36? É suposto abordarem a Mãe com 36 homens?

— 32. Oito por equipa. Os outros são uma unidade de comando.

— Mas deve haver pelo menos 500 tripulantes naquela baleia.

— Eles dão conta.

Sentei-me para trás.

— Foda-se...

Olhei para ele e sorri. Agora percebia porque ele estava a fechar o C5.

— Suponho que é melhor apresentares-me, então.

— Suponho que sim.

— Lembras-te do Capitão Bob Xavier?

— Claro.

— Este é o Tenente Bob Yver, o segundo no comando.

— Tenente.

— O Tenente Bob Zinner, o terceiro oficial.

— Tenente.

— O Cabo Bob Junior completa a equipa de comando.

— Cabo.

— Estes são os líderes das equipas. Este é o Sargento Bob Abram, o Sargento Bob Beck, o Sargento Bob Cartir e o Sargento Bob Darvy.

— Sargentos.

Agora já estava a perceber. Os Bobs. Eram todos 'Bobs'. Ou pelo menos os seus nomes falsos. Ninguém era suposto saber os reais. Era assim com eles. Eram um pouco mais velhos que os fuzileiros a bordo. E mais calmos. Tinham um ar atlético e firme, mas havia qualquer coisa de diferente nos seus olhos. Tinham experiência, dureza e empenho naqueles olhos. Já tinham visto acção de combate. Muito mais do que os fuzileiros. Mesmo quando falávamos de tipos duros com o 1º S.R.E. Surpreendentemente, alguns dos comandos eram mulheres. Seis deles, na verdade. Chamavam-lhes 'Bobbies'. E eram tão duras como os outros.

— Esta é a Força Bob 2. — O Capitão Xavier sorriu-me e recebeu-me de Erbay. — Somos Especialistas de Abordagem.

— Especialistas de Abordagem? — repeti, impressionado.

— As nossas tácticas foram desenhadas cuidadosamente para abordar naves inimigas no Espaço, tomar o controlo, varrê-las e torná-las seguras.

— Está confiante que podem fazer isso numa nave de 500 homens? Só com quatro equipas?

Xavier sorriu um pouco mais.

— Sim, senhor. A estrutura das naves modernas é construída de tal forma que se controlarmos quatro ou cinco linhas longitudinais da proa à popa conseguimos controlar o vaso. Assim que o fizermos, qualquer hipótese de usar da força contra nós fica comprometida. Daí em diante, se o inimigo não se render e a acção se tornar intensa, entrincheiramo-nos, chamamos o S.R.E. e contra-atacamos. O inimigo não será capaz de recuperar o controlo. É assim que se aborda uma nave de 500 homens, senhor.

Levantei as sobranceiras.

— Isso parece interessante, Capitão. Estou desejoso de vos ver em acção.

— Tal como nós, Capitão.

— Mas como pretendem apanhar o inimigo de surpresa? A *Arrabat* será detectada muito antes da abordagem, certamente.

Xavier assentiu.

— Deixe-me mostrar-lhe, senhor.

O Casco 5 no seu todo estava dedicado à equipa de Xavier. Não havia mais nada a passar-se ali. Havia uma equipa de marinhas, claro, a gerir as baterias de mísseis e outro equipamento essencial, como a cozinha e os sistemas vitais. Estes marinhas eram comandados por Erbay, que por sua vez tinha delegado a responsabilidade num tenente. O resto do espaço era ocupado pelos Bobs. Tinham os seus aposentos pessoais, um ginásio, salas de treino, salas de armazenamento para equipamento e muito mais. Xavier levou-me, aos seus tenentes e a Erbay para um largo convés de armazenamento. Fiquei espantado com o que vi.

— Isto é... — Não consegui acabar a minha frase, a minha boca estava escancarada.

À minha frente estavam duas naves pequenas, esguias e peculiares que se pareciam muito com versões muito pequenas de Silenciosos.

— O que é isto?

Xavier respondeu.

— Estes são *Rednir* 502 BV5's. São mini-silenciosos que podem ser lançados pelas portas de carga de uma nave e levar um máximo de 20 pessoas cada. São naves de abordagem. São indetectáveis por quaisquer sensores excepto os de nível 0, e são no geral invisíveis quando no Espaço. Vão levar as equipas até ao alvo.

— Estão armadas? — perguntei, tentando perceber as tácticas.

— Cada nave tem dois mísseis MS02 de calibre médio e um canhão de calibre 52 que nos podem ajudar a penetrar num casco e limpar uma área de abordagem. Mas não são capazes de enfrentar nenhuma nave normal directamente, não senhor.

— Entendo...

Estávamos a andar em volta das naves e eu estava a olhar para a sua forma peculiar. Eram muito interessantes.

— Quando atacarmos, senhor comandante — continuou Xavier —, vamos precisar da sua ajuda.

Olhei para ele.

— Como assim?

— A *Arrabat* terá de fazer uma manobra específica durante o ataque. Venha comigo, por favor.

Segui Xavier até outra sala e fui seguido pelos outros. Era uma sala quase vazia. Ali, ele pediu com um gesto a um dos seus tenentes que ligasse uma consola. Em segundos, três hologramas estavam a flutuar à altura das nossas cinturas. Mostravam três naves diferentes. Naves de carga, claramente feitos em Axx. Xavier apontou para elas.

— Acreditamos que o nosso alvo será um destes tipos de nave. Claro que não saberemos até a vermos, mas as nossas informações dizem-nos que o alvo pode passar por uma nave de carga neutral e estes são os tipos mais comuns que o inimigo constrói que podem passar por mercadores neutrais.

Assenti com a cabeça e inspecionei os hologramas. Eram muito detalhados e transparentes o suficiente para que víssemos o interior dos desenhos. Reparei que o capitão tinha razão: estavam desenhados em volta de quatro ou cinco corredores longitudinais. Que curioso...

— Só um, Z — pediu o capitão, e o seu tenente deixou apenas um dos hologramas ligado, no meio da sala.

— Então a ideia é esta... — continuou Xavier, caminhando em volta da imagem e imitando com as mãos o movimento pretendido da chalupa. — A *Arrabat* vai circundar o alvo, idealmente vinda de 8-e-10. É imperativo que, a um certo ponto, no nível da sonda 3 ou 4, ela passe o alvo na posição 6-e-9, mesmo atrás dele. É nesta altura que lançamos os BV5. Então, a chalupa deverá continuar o círculo, agindo contra o inimigo com as suas baterias, com particular intensidade no fogo sobre a proa. Mesmo que o alvo comece a rodar para

manter o ângulo de fogo, a *Arrabat* deve tentar atravessar o T no seu envolvimento. Isto manterá a maioria da tripulação inimiga ocupada na vanguarda do vaso, permitindo às equipas a melhor situação possível para abordar pela retaguarda. Estou a ser claro até agora?

Sorri.

— Está a ser ótimo. Continue.

Ele anuiu.

— Bem, assim que soubermos que as equipas conseguiram entrar, a *Arrabat* continua a circular, fazendo uso da sua velocidade para completar o círculo em volta do alvo. Deve então posicionar-se na popa do alvo e usar as mangas de abordagem para que os fuzileiros do S.R.E. possam reforçar através das brechas feitas pelas equipas. Como precaução, dois vaivéns com S.R.E. terão já sido lançados e estarão preparados para fazer o reforço para o caso de a *Arrabat* não ter conseguido completar a trajectória. Nesse caso, serão os vaivéns a aportar junto às brechas.

— E os BV5's? — perguntei. — Não vão estar no caminho?

— Não. No momento em que os nossos profissionais estejam a bordo, serão lançados para o vácuo à deriva e recuperados por controlo remoto mais tarde.

— Quer dizer que os seus homens não terão modo de retirar?

— Se for preciso, usarão as cápsulas de emergência do alvo.

— Se a abordagem não for bem-sucedida, destruirei o alvo com torpedos. Sabe isso, não sabe?

— Sim, senhor.

— Então tem aí um plano perigoso, não é verdade?

— Este é um jogo perigoso, Capitão. Mas nós sabemos o que estamos a fazer.

— Acredito, capitão. Acredito. Agora tudo o que temos de fazer é encontrar a Mãe.

Olhei para Erbay e pisquei o olho. Ele fingiu um sorriso e respondeu:

— Alguma fé, por favor.

Depois mostraram-me como usavam a sala de hologramas para criar um ambiente virtual para treinar a abordagem e eu vi alguns elementos da equipa a praticarem tiro numa carreira. Tudo muito impressionante. Finalmente, depois de algumas horas interessantes, Erbay levou-me de volta à entrada do C5.

— Bem... — disse eu. — Isto foi útil. Tens aqui uma bela equipa.

— Sim.

— Fina.

— É verdade.

— O que precisares, avisa, está bem?

Eu estava a ser honesto. Eles eram o centro da missão. Sabia-o agora.

— Obrigado, Byl.

— Vamos falando, está bem? — terminei eu, virando-me.

— Só mais uma coisa, Byl.

Levantei os olhos.

— Diz.

— Tens de fazer qualquer coisa relativamente a esse cabelo.

Levantei a sobrancelha.

— O que é que isso quer dizer?

— É muito 'à la Marinha'. Não podes aparecer assim a pirata nenhum. Vão matar-te.

Fiquei um pouco irritado, mas ele estava a falar a sério.

— O que é que tu queres que faça?

— O que quiseses. Qualquer coisa. Mesmo com essas cicatrizes na cara, pareces um boneco marinheiro.

— O caralho.

— De nada.

Levei-o a sério. Voltei para a minha cabina e peguei na minha máquina de barbear *Zumma*. Rapei a cabeça toda. Quando acabei parecia um pirata eu próprio. As minhas cicatrizes pareciam muito piores, sem o cabelo para as esconder. Tinha uma muito feia a começar na bochecha esquerda até à orelha esquerda, e outra ainda pior que começava na sobrancelha direita até ao topo do crânio. Ironicamente, esta última tinha ocorrido do mais ligeiro dos meus ferimentos, e não tinha sequer quebrado o osso.

Ao espelho, parecia o homem mais perigoso do sistema. Talvez fosse... Ou, depois de ver o que tinha visto no C5, talvez não fosse.

Quando me sentei na ponte nesse dia, tive de perguntar.

— O que acham do meu novo visual, rapazes?

Olharam uns para os outros.

— Diferente — disse finalmente Ojoe.

— Suponho que teremos de chamá-lo de Capitão *Cicatriz*, senhor... — disse Alzira, o Com-A, o brincalhão da equipa.

— Respeito, Sr. Alzira — resmungou Ojoe.

— Certamente, senhor comandante — respondeu Alzira, sempre rebelde. — Mais do que nunca!

Tive de rir. Ri-me alto, para surpresa de todos. E depois disse:

— Capitão *Cicatriz*? Gosto disso, Sr. Alzira. Gosto disso.

E foi assim que ganhei a minha primeira alcunha.

No quarto dia da missão comecei os exercícios ECC. E continuei a fazê-los diariamente até passarmos a Mirox, uma semana mais tarde. Percebi que a tripulação era composta por bons homens e mulheres, bem treinados, mas não se conheciam nem à nave, por isso continuei a exercitar até estarem familiarizados.

Comandei sempre os exercícios a partir da ponte, claro. O meu novo corte de cabelo ganhou reputação e todos pareciam achar que significava que algo de sério estava para acontecer. E acho que isso também fez com que eu fosse um pouco mais duro a comandar os exercícios. Costumava olhar para o meu cronómetro no ecrã e dizer algo como:

— 148 segundos para ‘armas prontas’ e 50 segundos para recarregar? Inaceitável!

Acabámos por tirar 20 segundos a cada uma das marcas.

Ainda assim, apesar dos exercícios e do talento da tripulação, deixei que a *Arrabat* fosse comandada com maior liberdade do que uma nave regular da Marinha. Afinal, tínhamos de manter a identidade de rebeldes, contrabandistas, aspirantes a piratas. Tive uma longa conversa com os mestres da torre e dos cascos e disse-lhes para relaxarem a disciplina excepto durante os exercícios ou o próprio combate. Esperava que a minha mensagem passasse: tudo o que contava eram os resultados.

Hekk Caller, o meu amigo fuzileiro, e eu tínhamos também começado uma rotina diária de treino de artes marciais. Exercitávamo-nos por pelo menos duas horas por dia, normalmente no ginásio do Casco 2. Rapidamente comecei a sentir as minhas capacidades a voltarem, e tornou-se cada vez mais difícil para ele conseguir vencer-me. Até que deixou de conseguir.

Um dia, cheguei ao ginásio e Erbay estava lá juntamente com alguns dos Bobs. Eles tinham o seu próprio ginásio e não costumavam envolver-se muito com os outros, mas suponho que desta vez tinham querido testar as habilidades dos fuzileiros do S.R.E., ou algo parecido.

No *tatami* estava um tipo atlético, baixo e louro, com olhos claros. Chamavam-lhe C4, e quando perguntei o nome

responderam-me 'Bob Cartir'. Um deles... Estava a lutar com um fuzileiro grande chamado Camo. Camo tinha cerca de 15 fuzileiros a apoiá-lo. Por seu lado, Cartir 4 tinha C2, C5 e D3, para além de Erbay. Hekk e eu limitámo-nos a ficar sentados num canto neutro.

A luta começou segundos depois. Não demorou muito, apesar do fuzileiro ser rápido e duro. Camo conseguiu dar alguns socos e pontapés, fortes mas no geral defendidos. E então C4 moveu-se. A sua perna direita avançou, fingiu e subiu, apanhando Camo no lado da cabeça. Quando o fuzileiro recuou um passo e baixou a cabeça, C4 avançou como um tornado. Atirou dois murros fulminantes, e depois entrou nas defesas de Camo, agarrou-o pela cabeça e braço e rodou as ancas. Camo foi atirado por cima das costas de C4 e aterrou de forma dura sobre o braço direito. Antes que pudesse fazer alguma coisa, C4 tinha um joelho sobre a sua cabeça e o seu braço esquerdo bloqueado e torcido. Camo gritou, bateu no chão e estava tudo acabado.

— Ele é rápido — disse Hekk, a meu lado.

Reparei que algum dinheiro estava a trocar de mãos depois da luta. Apesar de não ser estritamente regulamentar, ignorei. Em breve preparava-se outro combate e C4 enfrentou outro fuzileiro grande. O seu nome era Gardo. Com ar feroz, grandes músculos, uma barba negra e rasa e cabelo fino. Os apoiantes começaram a incitá-lo e o combate começou.

Por momentos, os lutadores limitaram-se a avaliar-se, trocando golpes pouco convictos. Então, sem aviso, Gardo avançou como um touro, mas C4 parou-o com um pontapé no peito, e depois desviou-se e deu-lhe com o cotovelo na orelha que o fez cambalear. Nesse momento, C4 envolveu a perna de Gardo com a sua e atirou-o de costas no chão. Uns segundos depois, terminou a luta com uma chave mata-leão.

— Porra! Ele é bom! — disse Hekk. Mas eu mantive-me quieto, por isso ele levantou a sobranceira. Olhou para o dinheiro que estava a ser pago e voltou a olhar para mim. E os Bobs começaram a desafiar outros fuzileiros.

— Quem vai ser a seguir? Alguém tem tomates? — perguntava C5.

Hekk falou-me ao ouvido.

— Consegues vencê-lo? — perguntou-me num murmúrio. Eu sorri. Hekk sorriu-me de volta e virou-se para os comandos: — Porque não deixam o Capitão tentar?

Alguns deles nem tinham percebido que eu estava ali. Olharam uns para os outros, confusos.

— Não sei se é boa ideia — disse C2.

— Só uma lutazinha amigável — sorriu Hekk.

Os comandos olharam para Erbay, que assentiu. E assim foi. Despi-me e pus as luvas enquanto Hekk fazia as apostas.

— Aposto 100 por mim — murmurei-lhe ao ouvido. Ele sorriu de novo, surpreso: ele nunca me tinha visto lutar por dinheiro.

Subi para o *tatami*. C4 fez o mesmo. Sorri-lhe.

— Não te acanhes — disse eu. Ele franziu a testa, como se não percebesse do que eu estava a falar. Boa. Gostei. Isto não era um jogo para ele. Para mim também não. Sabia por experiência que o *tatami* é um lugar de vida ou morte. Toda a gente à nossa volta, a rir e a gritar, estava num outro mundo. Nós estávamos numa arena de vida ou morte.

— Prontos? — perguntou o fuzileiro que fazia de árbitro. Assentimos os dois. — Avançar.

Comecei a mover-me em volta da arena. Ele fez o mesmo, procurando uma aberta. Eu tinha uma vantagem. Eu já o tinha visto a lutar, ele não me tinha visto a mim. Ele tinha um sistema, uma maneira de abordar a luta. E eu sabia o que ele ia fazer. Ele não me conhecia de todo. Não tinha ideia do que eu ia fazer. E eu sabia que podia contrariar o seu sistema. Só tinha de o esconder durante um pouco.

Ele atirou-me um pontapé. Eu recuei. Ele tentou ficar mais perto. Eu limitei-me a mover-me para o lado.

E então ele avançou. Tal como fizera antes. O seu pé direito atingiu-me no peito com pouca força, mas eu sabia que

ele ia usar os punhos a seguir e foi o que fez. Saltou em frente e deu-me um um-dois. Eu defendi o um e esquivei-me do dois, e depois ele agarrou-me o pescoço e fez contacto com as ancas, tentando projectar-me como eu esperava, mas eu varri-lhe o pé desequilibrando-o, saltei-lhe sobre o ombro e rolei sobre a sua cabeça e ele é que foi projectado. Tentei fazer-lhe uma chave à garganta, mas ele escapou e tentou levantar-se. Eu não o deixei: o meu pé atingiu-lhe a cabeça. Ele perturbou-se um pouco e, dou-lhe crédito, atirou-se logo a mim com um murro. Mas eu estava equilibrado e, ao contrário dele, a respirar correctamente. O seu primeiro murro não me acertou no queixo por um dedo, e então empurrei-lhe o ombro para o desequilibrar ainda mais, e quando ele empurrou de volta, girei e aterrei-o com força no chão. Antes que ele percebesse como, fiz-lhe uma chave de braço e o combate terminou.

Quando eu tinha decidido entrar naquele combate, uma voz interior tinha-me dito que era um erro. Ainda pior quando decidi fazer a aposta e fingir que não via as apostas dos outros. Pensei que isso, mais cedo ou mais tarde, me ia correr mal, e um Capitão deve fazer sempre a coisa certa. No entanto, logo a seguir à luta percebi que tinha feito a coisa certa. Os fuzileiros estavam felizes, a dizerem piadas e a darem-me palmadas nas costas como se eu fosse um deles. E até os comandos de Xavier apreciaram as minhas capacidades e a minha coragem por ter entrado na arena. C4 sorriu-me e disse:

— Muito bem feito, senhor.

Eu sorri-lhe e respondi:

— Obrigado por isto, Bob. És um lutador temível.

Olhei para Erbay, que estava com a sua cara de *poker*. No momento seguinte, Hekk veio ter comigo e abraçou-me.

— Ainda estás lá, meu amigo! — disse ele, antes de me entregar o meu dinheiro. — Ainda estás lá!

Depois disto, tive sempre um tratamento especial por parte dos fuzileiros, quando me viam. Ofereciam-me sempre qualquer coisa para beber ou comer, sempre com sorrisos

sinceros. E isto ainda antes de eu ter recebido a Fita Vermelha da Irmandade. E mesmo os comandos passaram a respeitar-me de forma diferente: faziam-me continência com deferência e nunca voltaram a subestimar-me. Fui o centro das atenções durante alguns dias. E os exercícios foram correndo cada vez melhor. Tinha ganhado mais do que um combate. Tinha ganhado a nave.

Tínhamos atravessado a Mirox. Foi uma travessia sem ocorrências e conseguimos até não desviar muito da nossa rota no processo. Em breve estávamos a voar em direcção ao planeta-anão Raven e ao território pirata.

Um dia, estava eu a chatear o cozinheiro para encontrar alguma coisa para comer, a roubar uma banana do frigorífico, quando o meu comunicador vibrou.

— Fala o Capitão — respondi.

— Capitão! — chamou-me Dalto, o Com-S. — Temos contacto.

Larguei a banana num sítio qualquer e corri para a ponte.

— O comando é meu.

— O Capitão tem o comando!

Olhei para Ojoe.

— Então?

— Um contacto, senhor comandante. 2-e-5. Nível 6.

— Imagem?

— Sim, senhor. Ainda bastante longe, mas diria que é um brigue ou um *cutter*, senhor.

— E está a mover-se de um modo muito agressivo, senhor comandante — interveio Dalto, o Com-S. — Está a vir directamente para nós.

Olhei para o meu monitor, observando o contacto. Em breve estaria em Nível 5.

— Pode fazer-me um zoom a partir da sonda, Sr. Dalto?

— Sim, senhor.

— O melhor que conseguir.

— Sim, senhor.

Podia ver a nave a aproximar-se. Era definitivamente um brigue. E o movimento sugeria um pirata. Nada de estranho. Não podíamos estar a mais de uns dias do anão Raven.

— Mudamos de rumo, senhor comandante? — perguntou Steen, o Com-N.

— Claro, Sr. Steen. Uns graus a bombordo, por favor. Manter a velocidade.

— Sim, senhor.

Eu queria saber o que Steen iria entender por ‘uns graus’. Se fosse suficientemente bom, saberia o que eu queria dizer. Olhei para a proa a mover-se lentamente para bombordo, para longe do sol, cerca de 10 graus. Perfeito.

— Ótimo — disse eu. — Vamos ver o que ela faz.

Houve uns momentos de silêncio e então Dalto disse:

— Está a acelerar, senhor comandante. Está a perseguir-nos.

Eu sorri.

— Ah, sim? Muito bem. Dê-lhe mais uns graus, por favor, Sr. Steen. E iguale a velocidade dela, se não se importa.

— Sim, senhor.

Steen virou mais 10 graus e aumentou a velocidade.

— Podíamos enfrentá-la, senhor comandante — sugeriu Alzira, o Com-A.

Eu sabia que podíamos enfrentá-la, sim. Aquele brigue não estava na classe da *Arrabat*.

— Tenho a certeza de que sim, Sr. Alzira. Mas se o fizéssemos teríamos de lutar contra toda a gente daqui até Fumu, não lhe parece? E mais cedo ou mais tarde teríamos de mostrar os nossos trunfos, as nossas cartas na manga. É melhor não. Vamos ver se conseguimos escapar-lhe, está bem?

— Nada de dedos no gatilho, então, senhor?

— Não. Nada de dedos, nada de gatilhos. Não precisamos dos mísseis para já. Deixe os rapazes descansarem um pouco.

— Que pena, senhor comandante. Acho que estão a precisar do exercício. Não temos um ECC há uma semana! — Alzira estava sempre a brincar.

Eu sorri.

— Sente falta, é, Sr. Alzira?

— Não posso dizer que não sinto, senhor comandante. Desde que esteja aqui confortavelmente, a gritar-lhes ao ouvido pelo intercomunicador, e não a correr de um lado para o outro com munições explosivas nas mãos...

Ri-me.

— Um destes dias, Sr. Alzira... — avisei.

— Sim, senhor.

Olhei para o brigue no ecrã. Ele estava ainda a seguir-nos no Nível 6, agora a 5-e-4. Erbay veio à ponte.

— Turismo, Sr. Erbay?

— Se não se importa, Capitão.

— Claro que não. Junte-se a nós, comandante. Está em sua casa. Sr. Alzira, não se importa de trazer para aqui uma cadeira de passageiro para o comandante?

— Certamente, senhor.

Alzira levantou-se e pressionou os botões e uma cadeira de passageiro foi puxada para junto da minha cadeira e presa ao solo. Erbay sentou-se e prendeu o cinto de segurança.

— Que se passa? — perguntou.

— Brigue. Pirata. Vamos passar ao largo.

— Não devíamos falar com eles?

— Demasiado cedo. Ainda estamos a um par de dias de Fumu. Vamos falar com alguém mais perto, para não perdermos tempo e não nos tentarem roubar ou assim.

— Bem pensado.

Sorri e olhei para os ecrãs.

— Então, ela está na retaguarda, é isso?

— Sim, senhor — respondeu Dalto. — Nível 5, senhor.

— Está a tentar alcançar-nos. Ótimo. Sr. Steen, por favor corrija o nosso rumo em 15 graus e coloque-nos de novo em direcção a Fumu.

— Sim, senhor.

Mudámos de rumo lentamente. Pressionei um botão no intercomunicador. Em breve, surgiu alguém na ponte. Era Patt Tamburo.

— Ah, é você, Patt. Obrigado por vir você.

— Claro, senhor comandante.

— Tenho fome. Pode trazer-nos alguma coisa da cozinha, uma sanduíche ou assim? Vamos estar aqui um bom bocado...

— Claro, senhor comandante. Julgo que conseguimos arranjar alguma coisa. Perú? Presunto?

— Perú para mim. Mais alguém quer uma sanduíche?

Pensei que talvez tentassem ser educados e todos certinhos e recusassem, mas Alzira nem hesitou.

— Perú, por favor! Sem maionese!

E depois disso, toda a gente começou a pedir.

— Presunto.

— Presunto.

— Perú. Com uma rodela de tomate.

— Ok. — Sorri para Tamburo. — Três de Perú, sem maionese para o Sr. Alzira, tomate para o Sr. Ojoe, e duas de presunto. Queres alguma coisa, Kary?

Erbay abanou a cabeça.

— Tens a certeza? Está bem, pronto. O que querem beber, gente?

— Suponho que uma cerveja esteja fora de questão, senhor comandante?

— Fora de questão, Sr. Alzira. Para mim, um refrigerante. Alguém quer alguma coisa?

— Água — respondeu Alzira. Os outros levantaram as mãos. Voltei-me para Patt.

— Cinco refrigerantes, e água para o Sr. Alzira, por favor, Patt.

— Certamente, senhor comandante. Não demoro.

— Obrigado, Patt.

Patt saiu e eu olhei outra vez para os ecrãs.

— O que é que ela está a fazer, Sr. Dalto?

— Está a tentar diminuir o ângulo, senhor comandante.

Estará no Nível 4 muito em breve.

— Muito bem.

— Quer que aumente a velocidade, senhor comandante?

— perguntou-me o Com-N. — Para manter a distância?

Recostei-me na cadeira e cruzei as mãos atrás da cabeça.

— Não. Vamos continuar assim durante um bocado, Sr.

Steen. Vamos ver o que ela faz.

— Sim, senhor.

Olhei para Erbay.

— Ainda não acabámos de falar de Fumu.

Ele abanou a cabeça.

— Não, ainda não. Quando é que podemos?

— De quanto tempo precisas?

— Um par de horas.

— Ok. Talvez quando... Esperem, o que é que ela está a fazer?

Mesmo a falar com Erbay, um dos meus olhos nunca deixava o ecrã.

— Capitão! — disse Dalto. — O brigue está a virar a estibordo!

— Está a tentar colocar-nos em SAF?

— Julgo que sim, senhor comandante! — disse Alzira.

— A esta distância? Que idiota. Dê-nos um *S-a-estibordo*, Sr. Steen, se não se importa.

— Sim, senhor.

O Significativo Ângulo de Fogo, ou SAF, é um ângulo de fogo de 100 graus a que uma nave pode apontar as baterias sem perder eficácia. Todas as baterias principais estão nos

flancos de estibordo e bombordo, e para uma solução de fogo suficientemente boa para ser eficaz, estes devem estar virados para o alvo e o alvo deve estar dentro do ângulo de 100 graus. Isso deixa 120 graus, 60 graus à frente da nave e 60 graus atrás, de ângulos cegos. Ou seja: se um míssil é disparado sobre um alvo que esteja fora do SAF, terá dificuldade em manter-se apontado a grandes velocidades, ou em manter a própria velocidade, ou levará demasiado tempo a chegar ao alvo. Qualquer um destes factores torna fácil ao alvo usar contra-medidas ou escapar aos mísseis. Como o brigue estava a virar à direita para tentar colocar-nos no meio do seu SAF de bombordo, pedi a Steen para fazer um *S-a-estibordo*, que significava virar a estibordo também, aumentar a velocidade e depois voltar a virar a bombordo e corrigir de novo, numa manobra em forma de 'S'. Como estávamos na margem do alcance de fogo do brigue, esta simples manobra deveria ser suficiente para aumentar a distância e colocar-nos fora do alcance dos mísseis sem dar ao adversário qualquer hipótese de encontrar soluções de fogo.

— Julgo que é o suficiente, senhor comandante — disse Dalto, calmamente. — Ela está a virar a bombordo e a retomar a perseguição. Ainda nas nossas seis, senhor.

— Obrigado, Sr. Dalto.

O meu intercom vibrou e eu respondi.

— Sim, Patt?

— Gosta de doces, senhor comandante? O cozinheiro diz que temos chupa-chupas.

— Chupa-chupas?

— Morango e ananás.

— Alguém quer chupa-chupas? Morango ou ananás?

Toda a gente respondeu e eu dei a resposta.

— Três de morango e dois de ananás, Patt. O Sr. Ojoe parece não gostar de doces e o Sr. Erbay continua quieto como um gato.

— Sim, senhor.

Olhei para Erbay, que talvez estivesse a sorrir. Porquê? Eu não sabia. E não queria saber, para ser totalmente franco. Estava feliz. Pela primeira vez em meses, estava feliz. Sabia que estava a ir na direcção da minha morte. Estávamos todos. Não tinha quaisquer dúvidas. Esta missão tinha poucas ou nenhuma hipóteses de um regresso em segurança. Acho que todos sabíamos disso. Mas eu não tinha nada por que viver, nada que deixasse para trás. Por isso sentia-me livre. Livre como um passarinho. Comandava uma das melhores naves em que já tinha embarcado, fora do âmbito das regras e dos olhares dos meus superiores. Haveria melhor maneira de morrer? Estava pronto! Estava pronto e feliz. Sentia-me vivo. Iria morrer em breve e não estar preocupado com isso relaxava-me. Relaxava-me completamente. E dava lugar à felicidade e à liberdade. À coragem e à loucura. E um chupa-chupa de morango era exatamente a coisa que eu precisava neste momento. O item perfeito. O presente perfeito. Da mãe perfeita. Que era a Marinha.

As sanduíches foram comidas e os chupa-chupas roídos. Erbay deixou-nos por uma hora e tal, e depois voltou a sentar-se ao pé de mim. Mais ninguém da equipa deixou a ponte senão ele. Estávamos descontraídos, mas estávamos em modo de batalha. Alertas. Prontos.

Ainda estávamos a ser perseguidos pelo brigue, já há algumas horas, e ele estava a tentar manter-se no nosso encalço, mas nós estávamos a conseguir manter a rota que queríamos sem problemas, e ele não tinha tido muita sorte em impedir-nos, ou sequer em interferir connosco de alguma forma.

— Contacto, senhor comandante — disse Dalto, sereno. Era outra nave. — Nível 6, 1-e-2.

— Imagem?

— Parece uma escuna, senhor comandante — disse Ojoe.

— Você é bom com as especificações, Sr. Ojoe. Vamos ver se está certo.

Ao fim de uns minutos, Dalto confirmou.

— Sim, senhor. Uma escuna, senhor. E também se está a mover agressivamente.

Dei uma palmada amigável nas costas de Ojoe.

— Muito bem, Sr. Ojoe. Se gostasse de doces, dava-lhe um segundo chupa-chupa. Sr. Steen, 10 graus a bombordo, por favor.

— Sim, senhor!

— Como está a nossa velocidade?

— Muito confortável, senhor. 90%.

— Muito bem. Puxe para 95, por favor.

— Sim, senhor!

Erbay puxou-me o braço e olhei para ele.

— Não estás preocupado?

Levantei as sobrancelhas.

— Preocupado? Por causa de uma escuna?

— São dois contra um e eu de facto preferia que não começássemos a disparar. Não devíamos falar com eles?

Sorri-lhe e voltei-me para a tripulação.

— Sr. Alzira, o Sr. Erbay parece estar um pouco preocupado por causa daquela escuna. Pode dizer-lhe alguma coisa inteligente, se faz favor?

Alzira respondeu imediatamente.

— Lamento imenso, senhor comandante, mas estou demasiado aborrecido para isso neste momento.

Voltei-me para Erbay.

— Estás a ver?

Ele encolheu os ombros e recostou-se para trás.

— A escuna está a mover-se para interceptar, senhor comandante — disse Dalto.

— Muito bem. Sr. Steen, mais 10 graus a bombordo, por favor. Vamos fazer tudo outra vez, está bem?

Em poucos minutos, a escuna também estava atrás de

nós, 6-e-6, nível 5, ao lado do brigue, ambos a seguirem-nos, e nós mantínhamos a velocidade e a distância e o rumo para Fumu, como planeado. Olhei em volta, para a ponte. Não se ia passar nada durante umas horas e alguns de nós precisávamos de descansar.

— Número Um — disse eu para Ojoe. — Vamos fazer turnos. Quem é que está aqui há mais tempo?

— Steen e Alzira, senhor comandante.

— Muito bem. Substitua-os e vá descansar um pouco por algumas horas.

— De certeza, senhor?

— Sim. Isto não será resolvido em breve. Vamos precisar de gente descansada amanhã.

— Muito bem, senhor comandante.

Ojoe começou a dar instruções e eu virei-me para Erbay.

— Kary, como estás?

— Estou bem, Byl.

— Cansado?

— Nem por isso.

— Que te parece de falarmos de Fumu aqui, durante um bocado?

— Claro.

E durante as próximas duas horas, ele falou-me de Fumu.

Quando finalmente acabou o meu turno, recebi um *briefing* de 15 minutos de Jon Sandro, o Q., sobre o estado da nave, e então fui tomar um duche e dormir um pouco. Estava mesmo a precisar de dormir. Não sonhei.

Estava apagado já ha duas ou três horas quando fui chamado de volta à ponte.

— Tenho o comando.

— O Capitão tem o comando!

— O que se passa, Sr. Ojoe?

— Bem, senhor comandante, agora já temos três naves atrás de nós. Houve um segundo brigue a tentar interceptar-nos há cerca de uma hora.

— E demos a volta outra vez. Bem feito, Sr. Ojoe.

— Obrigado, senhor. As três naves estão agora na retaguarda, nível 6, senhor.

— Parece-me bem. Que mais?

Estava a ver outro ponto no ecrã.

— Bem, senhor... — continuou Ojoe. — Temos agora um quarto contacto desde há uns minutos e este parece ser um pouco diferente.

— Diferente como?

— Parece ser uma fragata.

Agora ele estava a captar-me a atenção. Uma fragata era um navio de força. Possivelmente um à altura da *Arrabat*.

— Com que então uma fragata... — levantei uma sobrancelha. — E o que é que ela tem andado a fazer?

— Interceptar, como as outras. Podíamos tentar ir à volta outra vez, mas está a ficar um bocadinho de trânsito a mais lá atrás e se começarem a trabalhar em conjunto, de alguma forma, isto pode ficar problemático.

— Percebo o que quer dizer.

Uma fragata era uma nave de médio porte, e se ela conseguisse disparar uma descarga contra nós, estaríamos em sarilhos. Podíamos escapar-lhe se ela estivesse sozinha, mas com três outras naves a cobrirem diversas áreas, podíamos ter de lutar. Ainda assim, decidi continuar este exercício um pouco mais.

— Bem, Sr. Ojoe, vamos tentar ir à volta também. Não é suposto sermos Marinha, mas comerciantes e contrabandistas, não vamos ser muito sofisticados nas nossas reacções, está bem? Vamos fazer o que temos feito mais uma vez e logo vemos o que acontece.

— Sim, senhor comandante. Sr. Steen, 10 graus a bombordo, por favor.

— Sim, senhor.

Nesta altura, Erbay voltou à ponte. Provavelmente ainda preocupado. Ou apenas curioso. Nunca conseguia perceber.

— Bem-vindo de volta, Sr. Erbay.

— Obrigado, Capitão.

Sentou-se ao meu lado como costumava agora fazer.

— Bom descanso? — perguntei.

— Sim, Capitão.

— Ótimo.

Eu estava a ver os pontos no meu ecrã a mudarem de rumo para posições mais inteligentes.

— Senhor comandante! — disse Dalto imediatamente. — Estão a separar-se.

— Hmm... Então agora estão a comunicar. — Olhei para Erbay. — Talvez seja esta a nave que estávamos à espera.

Ele não percebeu logo o que eu estava a dizer.

— Mudamos de rumo, senhor comandante? — perguntou Steen.

— Sim, tenente. 70 graus para cima, se faz favor. Como está a nossa velocidade?

— 97%, senhor.

— A toda a velocidade, então. — Olhei para o Com-Tec.

— Sr. Jilton, por favor pergunte à sua gente até onde podemos espremer os motores ser precisarmos.

— Sim, senhor.

— Sr. Steen, faça por favor um *S-a-estibordo* quando acabar a subida. Não vamos correr o risco de que alguma delas tente a sua sorte.

— Sim, senhor.

Uma subida era uma manobra para quando a nave estava a ser enfrentada por diversos adversários de diferentes ângulos. Significava apenas que se imaginava um plano onde os adversários estivessem e encontrava-se um ângulo de onde ninguém estava a vir, como se estivéssemos num desenho animado em que um pássaro voa e deixa os perseguidores

a olharem uns para os outros no solo. Se a nossa nave fosse suficientemente rápida, seria basicamente isso o que aconteceria. E a *Arrabat* era rápida. Não tardou, todos os nossos quatro perseguidores estavam de novo juntos à nossa retaguarda, incapazes de nos encurralar. E foi então que Dalto disse:

— A fragata está a contactar, senhor.

Sorri para Erbay.

— Cá vamos nós. Dê-me um canal, por favor, Sr. Dalto.

— Sim, senhor.

Peguei no microfone e disse, identificando-me com o nome falso:

— Aqui fala o Capitão Smit, da nave mercante *Arrabat*. Por favor identifique-se.

Uma voz com um sotaque haitziano profundo surgiu do outro lado.

— Aqui é o *Kiaptian* Thalof, da *friagata* independente *Deecon*. Por favor desliguem os motores e preparem-se para serem abordados.

Sorri mais uma vez para Erbay, divertido.

— Lamento, Capitão, mas isso está fora de questão.

Senti um suspiro involuntário no lado de lá.

— *Kiaptian*, somos *quaitro* e você é um. Eu comando uma *friagata* totalmente armada. Podemos destruí-lo.

— Capitão — respondi. — Terão de nos apanhar primeiro.

Thalof hesitou por uns segundos, mas finalmente mudou de ideias.

— O que pretende fazer por estes lados, *Kiaptian*?

Pisquei o olho a Erbay.

— Somos comerciantes, Capitão. Pretendemos aportar em Fumu para comercializar rações de combate.

— Rações de combate?

— Sim, Capitão. 2.000 toneladas de rações de combate de grau militar feitas em Webbur.

Silêncio. E depois ele disse.

— Como é que conseguiu isso?

— Deu-nos um anjinho, Capitão — respondi.

— Um *anjinho*?

— Sim. Com asas, uma voz suave e até tocava flauta.

— Flauta?

— Sim.

Nesta altura já toda a ponte se ria à gargalhada. Até Erbay sorriu. Houve um silêncio mais longo, do lado de lá. Mas então ouvimos a voz de Thalof outra vez.

— *Kiaptian*, nós poderíamos oferecer-vos passagem segura para Fumu por um pequeno estipêndio.

Quase ri outra vez. Um estipêndio! Contive-me e tentei parecer sério.

— Seriam a nossa escolta?

— Sim, *Kiaptian*. Uma fragata de escolta, sem mais *probyem* por 20% do lucro. Até o ajuda a vender, sim?

Olhei para Erbay. Ele mostrou-me uma mão aberta e pronunciou silenciosamente: “Cinco”. Eu anuí.

— Cinco por cento.

— Quinze.

Erbay mostrou-me duas mãos.

— Dez.

— *Acyetado!* Temos negócio.

E assim foi...